

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 02 – Graça e Lei

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



Discipulado

O que significa a palavra discípulo? E o que significa um discipulado? E o que significa ser discípulo de Jesus? Essas perguntas parecem ser ridiculamente elementares, e são mesmo! O ponto é que muitas vezes existe uma confusão nas coisas mais fundamentais e essa é uma armadilha perigosa: pensamos que estamos falando a mesma língua e as vezes não estamos.

O que é um discípulo? Eugene Peterson nos ensina com sua simplicidade e profundidade de costume: “Discípulos (mathetés) diz que somos pessoas que passamos nossa vida conectados como aprendizes ao nosso Mestre, Jesus Cristo. Estamos sempre num relacionamento de crescimento-aprendizado. Um discípulo é alguém que aprender, mas não no ambiente acadêmico de uma sala de aula, e sim no lugar de trabalho de um artífice. Não adquirimos informações sobre Deus, mas sim habilidades de fé”.¹

Portanto, ser discípulo é ser um aluno, um aprendiz de alguém. Na antiguidade, não havia escolas formais e ligadas ao estado como hoje, e o conhecimento era passado através de um vínculo de aprendizado entre o professor e o aluno onde a sala de aula era o mundo e o conteúdo da matéria a própria vida. Os filósofos tinham discípulos, os grandes rabinos tinham discípulos, os atletas era discípulos de tutores, os generais e mestres da guerra ensinavam a arte da luta aos seus discípulos. O discipulado era então uma instituição conhecida e reconhecida no mundo antigo, uma maneira de alguém passar todo seu conhecimento, sabedoria, habilidades e práticas a outra pessoa que por sua vez passaria para outra pessoa. Era de fato mais do que reprodução de conhecimento, era uma maneira de se reproduzir a vida do mestre!

O que é notório é que Jesus poderia ter escolhido muitas metáforas para se relacionar com as pessoas: uma relação de general e soldado, uma relação de senhor e servo, uma relação de rei e súdito, uma relação de líder e liderados. No entanto, Jesus escolheu a metáfora do discipulado (Mt 4.18-25). E por que? Bem, acredito que a razão é que o método do discipulado e a metáfora que o discipulado era justamente o que Jesus queria para dar um formato a sua Mensagem. A metáfora do discipulado basicamente consistia na vida do mestre sendo reproduzida na vida de seus aprendizes. Jesus com certeza compreendeu que o discipulado então dava toda a estrutura para que a igreja compreendesse sua mensagem: todos aqueles que são salvos em Jesus pela graça são salvos para viver a sua vida em santidade e obediência (Ef 1.11,12).

Que maravilhoso! Jesus escolheu o discipulado por que o discipulado “significava, sobretudo, acompanhá-lo numa atitude de observação, estudo, obediência e imitação”.² O discipulado era um relacionamento íntimo, profundo, a ponto de formar no discípulo a mente de Jesus, o coração de Jesus e por fim as atitudes de Jesus. Ser um discípulo de Jesus significa ter um relacionamento pessoal e íntimo com Jesus de tal maneira que vou sendo transformado em minha maneira de sentir, pensar e agir, cada vez mais sendo moldado a partir da maneira que o próprio Senhor sente, pensa e age.

Thomás de Kempis mostra como esse processo nos leva a uma imitação de Cristo, no clássico no qual fala sobre a formação espiritual e discipulado.³ No entanto, não devemos inverter as coisas: a imitação de Cristo (praticar/ação) só será possível de maneira profunda e ampla se todo o nosso ser estiver sendo formado em Cristo (nosso pensar e nosso sentir).

¹ PETERSON, Eugene. *Uma longa obediência na mesma direção*. Cultura Cristã, 2005, p.12

² WILLARD, Dalllas. *A grande omissão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p.18

³ KEMPIS, Thomás. *A imitação de Cristo*. São Paulo: Círculo do Livro, sem data.

A Grande Omissão

Jesus escolheu o discipulado como estratégia para ensinar as pessoas que criam nele como Messias e Salvador. Mateus nos conta que Jesus começou a pregar a mensagem do Reino de Deus (Mt 4.17) convocando as pessoas a se arrependerem e a crerem em sua mensagem de salvação: o Reino de Deus estava disponível a todos em sua própria pessoa.

Logo em seguida, Mateus deixa claro que Jesus começa a agregar discípulos (Mt 4.18-25), ou seja, a entrar em um relacionamento íntimo e profundo com todos aqueles que creram em sua mensagem e a ensiná-los a viver como cidadãos do Reino de Deus, que é o tema de todo o sermão do monte (Mt 5-7). Ou seja, crer em Jesus é nascer de novo mas agora que nasci de novo devo aprender como viver essa nova vida como cidadão do Reino de Deus e isso é discipulado: ser transformado em todo o meu ser a luz de quem Jesus é.

Jesus é a medida do discípulo, como nos lembra Paulo em Efésios 4.13, quando o apóstolo afirma que o desejo do Eterno é que todos alcancemos a “medida da plenitude da estatura de Cristo”. Isso significa dizer que todo aquele que nasce de novo precisa crescer espiritualmente, até alcançar a medida da estatura de Cristo. Esse é o alvo do discipulado, nos fazer mais e mais semelhantes a Cristo.

O discipulado está no centro de nossa vida cristã e também de nossa missão como cristãos e como igreja. Quando Jesus subiu aos céus após ressuscitar, deu uma ordem clara aos seus aprendizes para que eles também fizessem discípulos (Mt 28.28-20). Havia chegado o momento deles reproduzirem a vida de Jesus que estava neles em outros e a base para os discípulos fazerem outros aprendizes de Jesus é a autoridade que o próprio Jesus tem sobre tudo o que existe, autoridade soberana como Senhor. O alvo de Jesus para a igreja é que ela fosse uma comunidade de discípulos que tem uma relação pessoal e íntima com Jesus e que por sua vez fazem discípulos de Jesus. É claro e óbvio que o chamado para fazer discípulos não estava concentrado sobre alguns poucos líderes da igreja primitiva, mas sobre todos os cristãos.

Quando compreendemos o quão o discipulado era na mente de Jesus quando o Mestre o implementou e a centralidade do discipulado na vida cristã como um todo, algumas perguntas surgem a mente. Primeiro, por que tantas pessoas na igreja parecem recém nascidos espirituais que nunca cresceram? Ou seja, por que existe tão poucos cristãos que de fato são profundamente moldados por Jesus e em Jesus?

Poucos autores contemporâneos dedicaram tanto tempo e tantas obras a responder essa pergunta como Dallas Willard. Willard afirmar que “o primeiro objetivo que Ele [Jesus] definiu para a igreja foi usar seu poder e sua autoridade abrangentes para fazer discípulos [...] Mas as correntezas históricas substituíram o plano de Jesus por ‘Fazei convertidos (a uma ‘fé prática’ específica) e batizai-os de modo a se tornarem membros da igreja’”.⁴

Willard ressalta que no lugar do desejo de compartilhar o Evangelho com as pessoas visando sua redenção, as igrejas e instituições eclesiais perderam sua visão de Reino de Deus e promovem programas e iniciativas visando seu crescimento próprio, causando um inchaço ao invés de crescimento quantitativo/qualitativo, pois as pessoas não são discipuladas, amadas, ensinadas e formadas em Jesus. Ao invés de uma mentalidade centrada no discipulado, uma mentalidade centrada no crescimento institucional, uma mentalidade que vive buscando pessoas para a igreja e não pensando uma igreja que propicie o crescimento e desenvolvimento espiritual das pessoas.

Ao trocar a mentalidade de discipulado pelo proselitismo que foca em aumentar o número de membros e consequentemente os orçamentos, as instalações, o nome e o status, a igreja que foi chamada para fazer discípulos começou a fazer prosélitos que professam uma filiação religiosa mas que não são necessariamente formados em Jesus e por meio de Jesus.

Talvez esse equívoco esteja no centro do fenômeno que tem preocupado lideranças cristãs ao longo do globo nas últimas décadas: os cristãos cada vez mais vivem vidas que são idênticas a vida dos não cristãos. Ronald Sider demonstra esse fato de maneira profunda e ampla no seu livro “O escândalo do comportamento evangélico”,⁵ no qual mostra como cristãos pensam e agem identicamente como não cristãos em diversas áreas da vida.

Willard chama esse equívoco de “A Grande Omissão” e afirma que ela se desdobra em outras duas omissões: “Em primeiro lugar, omitimos a tarefa de fazer discípulos e levar as pessoas a serem aprendizes de Cristo quando, na verdade, essa é a prioridade. Em segundo lugar, omitimos, por necessidade, o passo de acompanhar nossos convertidos num treinamento que os levará, cada vez mais, a fazer o que Jesus ordenou”.⁶

⁴ WILLARD, Dallas. *A grande omissão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p.19

⁵ SIDER, Ronald. *O escândalo do comportamento evangélico*. Viçosa: Ultimato, 2006.

⁶ WILLARD, Dallas. *A grande omissão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p.19